

# A FENOMENOLOGIA DAS TRÊS DIMENSÕES TEMPORAIS SEGUNDO JEAN-PAUL SARTRE

**Márcio Chaves Tannús**

Departamento de Pedagogia  
Universidade Federal de Uberlândia

"O tempo passado e o tempo presente  
Estão ambos talvez presentes no tempo fu-  
turo  
E o tempo futuro contido no tempo passa-  
do.  
Se todo o tempo é eternamente presente  
Todo tempo é irredimível."

ELIOT (67): *Burnt Norton*: 1-5, P. 19.

" ...  
Et prenant le papier et l'encre de colere,  
De ce temps malheureux j'escrivi la misere,  
..."

RONSDARD (50): *Reponse aux injures et  
calomnies*: 1015-6, Vol. II, P. 619.

## 1. INTRODUÇÃO

Considerando o tema e o título deste trabalho, um aspecto a merecer menção é serem ambos, tanto o título, como o tema, retirados, com um pequeno acréscimo meu, no caso do título, de um capítulo, de um dos livros de Jean-Paul Sartre. Mais precisamente, da divisão primeira, do capítulo dois, da segunda parte, daquela que é considerada a sua mais importante obra filosófica: "L'être et le néant".

Interessante é a menção anterior, entre outros motivos, porque o tema da referida divisão primeira, que será objeto deste trabalho, se nos apresenta, em seu contexto de origem, fortemente influenciado, pela problemática de conjunto da obra. Dadas as dimensões deste trabalho, meu esforço será necessariamente direcionado no sentido de uma delimitação mais precisa, que a do original, relativamente ao tema.

À primeira vista, o que Sartre pretende é apenas abordar, negando sua validade, a concepção agustiniana de tempo. Santo Agostinho apresenta em suas "Confissões" uma desmontagem sistemática, logica-

mente impecável, do conceito de tempo, que o divide em três fases: passado, presente e futuro. Sartre, é necessário que eu o diga, não se refere explicitamente à teoria de Agostinho, e não o cita uma só vez, na divisão de seu livro a ser analisada. O que ele pretende e anuncia é, em primeiro lugar, a recolocação dos termos do problema, em segundo, a superação do impasse da teoria trifásica do tempo. Ora, tanto uma como a outra: a colocação dos termos do problema e a formulação do impasse receberam sua versão, se não única, com certeza definitiva, ponto de referência obrigatório, no capítulo quatorze, do décimo primeiro livro das “Confissões” de Agostinho.

Para atingir o objetivo, que ele de início se propõe, Sartre sugere ao leitor um arranjo diverso dos componentes, que muda a qualidade do problema e desloca a busca de soluções para o impasse. Sartre percebe, e o faz corretamente, que o impasse surge, apenas porque, o tempo é considerado, como uma soma de três elementos, entre si independentes, embora interligados. A alternativa, que ele nos apresenta, considera o tempo como uma totalidade estruturada, que antecede e dá significado a cada uma de suas partes. Uma vez realizada a recomposição dos termos, que nos permite contornar o impasse, decorrente do equacionamento anterior do problema, resta então a fundamentação ontológica do novo arranjo. Sartre a inicia, pelo que ele chama descrição preontológica, fenomenológica das três dimensões do tempo. Esta descrição será objeto de minhas considerações neste trabalho.

## 2. O PASSADO

O primeiro aspecto digno de destaque, na descrição de Sartre, é sua recusa a ver no passado, como dimensão do tempo, um ser de existência autônoma, independente de um eu para quem ele é. Após brevemente expor, analisar e negar as posições respectivas de Husserl, Bergson, Descartes e outros, Sartre enuncia, em oposição a estas, a sua própria:

*“S’ils avaient considéré le phénomène temporel dans sa totalité, ils auraient vu que ‘mon’ passé est d’abord mien,<sup>1</sup> c’est-à-dire qu’il existe en fonction d’un certain être que je suis... C’est un rapport ontologique qui unit le passé au présent. Mon passé n’apparaît jamais dans l’isolement de sa ‘passéité’, il serait même absurde d’envisager qu’il puisse exister comme tel...”<sup>2</sup>*

Após submeter o passado à estrutura totalizante do tempo, Sartre o submete ao eu para quem ele é. Finalmente, ele faz da primeira destas submissões, o citado acima o deixa claro, um pré-requisito à compreensão da segunda.

Um pouco adiante, na mesma página, ele nomeia e aclara a forma desta ligação ontológica, entre o presente e o passado:

“Nous revenons donc à ce que nous entrevoyions plus haut: si la rémanence existentielle de l'être sous forme de passé ne surgit pas originellement de mon présent actuel, si mon passé d'hier n'est pas comme une transcendence en arrière de mon présent d'aujourd'hui, nous avons perdu tout espoir de relier le passé au présent.”<sup>3</sup>

Uma primeira consequência relevante da concepção sartriana é a antecedência ontológica dos passados particulares, concretos, relativamente ao passado universal. Isto porque, de acordo com esta concepção, todo passado apenas é, na medida em que ele o é para um eu.<sup>4</sup>

Outra consequência, não menos importante desta concepção, é a dissolução no nada de todo e qualquer evento, objeto ou pessoa, que cessou de existir como passado, que o é para um eu existente.<sup>5</sup>

O próximo passo da análise, consiste em esclarecer a forma, como o eu presente fundamenta seu próprio passado. A resposta de Sartre à questão, ele a formula assim:

“Mais il ne faut pas entendre qu'il (l'être présent) le fonde (son propre passé) sur le mode de l'indifférence et sans en être profondément modifié: 'était' signifie que l'être présent a à être dans son être le fondement de son passé en **étant**<sup>6</sup> lui-même ce passé.”<sup>7</sup>

Continuando, ainda na mesma página, dois parágrafos à frente, o autor insiste sobre a solidariedade inevitável, sobre a impossibilidade da indiferença, do eu presente frente ao seu próprio passado. As noções sartrianas de liberdade e responsabilidade são aqui colocadas em jogo, sem que o autor, no entanto, as nomeie. Parte de suas observações, ele as faz sobre o pano de fundo de uma situação limite, a da hora da morte:

“...Je **suis**<sup>8</sup> mon passé. Je ne l'ai pas, je le suis: ce qu'on me dit en touchant un acte que j'ai fait hier, une humeur que j'ai eue, ne me laisse pas indifférent... Je ne me désolidarise pas de mon passé... Nier ma solidarité d'être avec mon passé sur tel ou tel point particulier, c'est l'affirmer pour l'ensemble de ma vie. A la limite, à l'instant infinitésimal de ma mort, je ne serais plus que mon passé. Lui seul me définirait... Et le repentir de la dernière heure est un effort total pour faire craquer tout cet être qui s'est lentement pris et solidifié **sur nous**, un dernier sursaut pour nous désolidariser de ce que nous **sommes**. En vain: la mort fige ce sursaut avec le reste, il ne fait plus qu'entrer en composition avec ce qui l'a précédé, comme un

facteur parmi d'autres, comme une détermination singulière qui s'entend seulement à partir de la totalité. Par la mort le pour-soi se mue pour toujours en en-soi dans la mesure où il a glissé tout entier au passé. Ainsi le passé est la totalité toujours croissante de l'en-soi que nous sommes."<sup>9</sup>

Nestas circunstâncias, adquirem especial interesse as respostas relativas, tanto ao conteúdo do passado, que nós somos, como à possibilidade de influenciarmos, a posteriori, este passado. O que o autor a respeito pensa, ele nos diz com as palavras que seguem:

"Nous verrons plus tard que nous conservons continuellement la possibilité de changer la **signification**<sup>10</sup> du passé, en tant que celui-ci est un ex-présent **ayant eu un avenir**. Mais au contenu du passé en tant que tel je ne puis rien ôter ni ajouter. Autrement dit le passé que j'étais est ce qu'il est; c'est un en-soi comme les choses du monde."<sup>11</sup>

O ponto de retorno, no entanto, Sartre o introduz no instante mesmo, em que ele nos afirma, ser o passado, que somos, uma coisa em-si, uma coisa como as coisas do mundo:

"C'est au passé que je suis ce que je suis. Mais d'un autre côté, cette lourde plénitude d'être est derrière moi, il y a une distance absolue qui la coupe de moi et la fait retomber hors de ma portée, sans contact, sans adhérences... Par définition, le pour-soi existe sous l'obligation d'assumer son être et il ne peut rien être que pour soi. Mais précisément il ne peut assumer son être que par une reprise de cet être qui le met à **distance**<sup>12</sup> de cet être. Par l'affirmation même que je suis sur le mode de l'en-soi, j'échappe à cette affirmation car elle implique dans sa nature même une négation."<sup>13</sup>

O retorno, porém, é duplo: Sartre nos reconduz ao ponto de partida e fecha o círculo. É evidente, contudo, que o conceito inicial foi substancialmente enriquecido:

"Or on sait que le pour-soi paraît dans l'acte originel par quoi l'en-soi se néatínse pour se fonder... Mais il n'est pas parvenu pour autant à se délivrer de l'en-soi. L'en-soi dépassé demeure et le hante comme sa contingence originelle."<sup>14</sup>

### 3. O PRESENTE

É fato estabelecido, desde a última seção, dedicada ao passado, que para Sartre a modalidade de ser do presente é a do ser para-si, a do

passado, do ser em-si. A afirmação explícita, todavia, Sartre apenas a faz no início dos parágrafos dedicados ao presente. Assim como já havia ocorrido com o passado em relação ao presente, também este é definido pela referência e pela contraposição àquele: é salientando a diferença existente, entre ambas, que Sartre enuncia as modalidades de ser do presente e do passado.

Isto posto, o autor retira algumas conclusões importantes. A primeira diz respeito à copresença de objetos no mundo:

“ ‘Avant’ le sacrifice du Pour-soi il eût été impossible de dire que les êtres existassent ensemble ni séparés. Mais le Pour-soi est l’être par qui le présent entre dans le monde; les êtres du monde sont coprésents, en effet, en tant qu’un même pour-soi leur est à la fois présent à tous.”<sup>15</sup>

A segunda concerne ao modo de ligação entre o ser presente e o ser em-si e, em maior escala ainda que as outras, faz uso massivo dos resultados até então acumulados:

“... La Présence à un être implique qu’on est lié à cet être par un lien d’intériorité, sinon aucune liaison du présent avec l’être ne serait possible; mais ce lien d’intériorité est un lien négatif, il nie de l’être présent qu’il soit l’être auquel il est présent. Sinon le lien d’intériorité s’évanouirait en pure et simple identification. Ainsi la présence à l’être du Pour-soi implique que le Pour-soi est témoin de soi en présence de l’être comme n’étant pas l’être; la présence à l’être est présence du Pour-soi en tant qu’il n’est pas... C’est ce qu’on exprime brièvement en disant que le Présent n’est pas.”<sup>16</sup>

Sartre chega, a última frase do citado anterior o mostra claramente, embora por caminhos diversos e no interior de um outro contexto, à mesma conclusão de Agostinho no que toca à dimensão do tempo, que é o presente.<sup>17</sup>

No último parágrafo reservado ao presente, Sartre completa e precisa suas afirmações anteriores, sobre a maneira de não ser do presente:

“En tant que Pour-soi, il (le présent) a son être hors de lui, devant et derrière. Derrière il était<sup>18</sup> son passé et devant il sera son futur.”<sup>19</sup>

#### 4. O FUTURO

No primeiro parágrafo, da seção de seu livro dedicada ao futuro, Sartre nos esclarece, que este, assim como o passado, chega ao mundo

pela mediação do Homem: ela lhe empresta existência e significado. Logo após, retomando suas considerações, do último parágrafo da seção anterior deste trabalho, o autor observa:

“Le Futur c’est l’être déterminant que le Pour-soi a à être par delà l’être. Il y a un Futur parce que le Pour-soi a à être son être au lieu de l’être tout simplement.”<sup>20</sup>

Ou ainda:

“Ainsi seul un être qui est à soi-même son révélé, c’est-à-dire dont l’être est en question pour soi, peut avoir un futur. Mais, réciproquement, un tel être ne peut être pour soi que dans la perspective d’un Pas-encore... Ainsi tout ce que le Pour-soi est par delà l’être est le Futur.”<sup>21</sup>

Sobre as relações entre passado, presente e futuro, sobre o status ontológico relativo das três dimensões do tempo, Sartre escreve:

“Ainsi le Futur, comme présence future d’un Pour-soi à un être, entraîne l’être-en-soi avec lui dans le futur. Cet être auquel il sera présent, il est le sens de l’en-soi coprésent au Pour-soi présent, comme le futur est le sens du Pour-soi. Le Futur est présence à un être cofutur parce que le Pour-soi ne peut exister que hors de soi près de l’être et que le futur est un Pour-soi futur.”<sup>22</sup>

Antes de concluir, no momento exato, depois de construída a base, Sartre introduz, explicitamente agora, a problemática da responsabilidade individual, do determinismo versus liberdade humana. O faz, contudo, coerente, na forma e no conteúdo, tanto com o caráter técnico de sua obra: obra difícil, distante de qualquer objetivo de divulgação em grande escala, obra de filósofo para filósofos; como também com os limites, relativamente estreitos, do contexto de sua descrição fenomenológica das três dimensões do tempo.

Sartre dá início às suas observações retomando, sob forma ligeiramente diversa, o conteúdo de uma afirmação anterior, relativa ao modo de ser do passado referindo-se ao eu de quem ele é:

“Le Passé est bien en effet l’être que je suis hors de moi, mais c’est l’être que je suis sans possibilité de ne l’être pas.”<sup>23</sup>

Continuando, e contropando-o ao passado, ele passa à abordagem do futuro:

“Le futur que j’ai à être, au contraire, est tel dans son être que je **peux**<sup>24</sup> seulement l’être: car ma liberté le ronge dans sons être par en-dessous.

Cela signifie que le Futur constitue le sens de mon Pour-soi

présent, comme le projet de sa possibilité, mais qu'il ne pré-détermine aucunement mon Pour-soi à venir... Il est ce que se serais si je n'étais pas libre et ce que je ne peux avoir à être que parce que je suis libre... En un mot, je suis mon Futur dans la perspective constante de la possibilité de ne l'être pas."<sup>25</sup>

Para finalmente concluir:

"Ainsi le Futur n'a pas d'être en tant que Futur. Il n'est pas en soi<sup>26</sup> et il n'est pas non plus sur le mode d'être du Pour-soi puisqu'il est le sens du Pour-soi. Le Futur n'est pas, il se possibilise."<sup>27</sup>

## BIBLIOGRAFIA

ELIOT, T. S. (67): Quatro quartetos, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1967.

RONCARD, P. de (50): Discours des miseres de ce temps, in: Oeuvres complètes: 2 vol., Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, Paris, 1950.

SAINT AUGUSTIN (64): Les confessions, Garnier-Flammarion, Paris, 1964.

SARTRE, J-P (43): L'être et le néant: Essai d'ontologie phénoménologique, Gallimard, Paris, 1943.

## NOTAS

- (1) O grifo, assim como os próximos, é do original.
- (2) SARTRE (43): PP. 148-9.
- (3) SARTRE (43): PP. 149-50.
- (4) Cf.: SARTRE (43): P. 150.
- (5) Cf.: SARTRE (43): PP. 150-1.
- (6) O grifo é do original.
- (7) SARTRE (43): P. 153.
- (8) Ogrifo, assim como os próximos, é do original.
- (9) SARTRE (43): PP. 153-4.
- (10) O grifo, assim como os próximos, é do original.
- (11) SARTRE (43): P. 154.
- (12) O grifo, assim como o próximo, é do original.
- (13) SARTRE (43): P. 156.
- (14) SARTRE (43): P. 157.
- (15) SARTRE (43): P. 160.
- (16) SARTRE (43): P. 161. Ogrifo é do original.
- (17) Cf.: AUGUSTIN (64): P. 264.
- (18) O grifo, assim como o próximo, é do original.
- (19) SARTRE (43): P. 162.

- (20) SARTRE (43): P. 164.
- (21) SARTRE (43): P. 165.
- (22) SARTRE (43): P. 166.
- (23) SARTRE (43): P. 167.
- (24) O grifo, assim como o próximo, é do original.
- (25) SARTRE (43): P. 167.
- (26) O grifo, assim como os próximos, é do original.
- (27) SARTRE (43): P. 168.